

capoa

ACESSÓRIOS DE SUPER-HERÓIS MOTIVAM CRIANÇAS
A DISPENSAR ANESTESIA EM SESSÕES DE RADIOTERAPIA

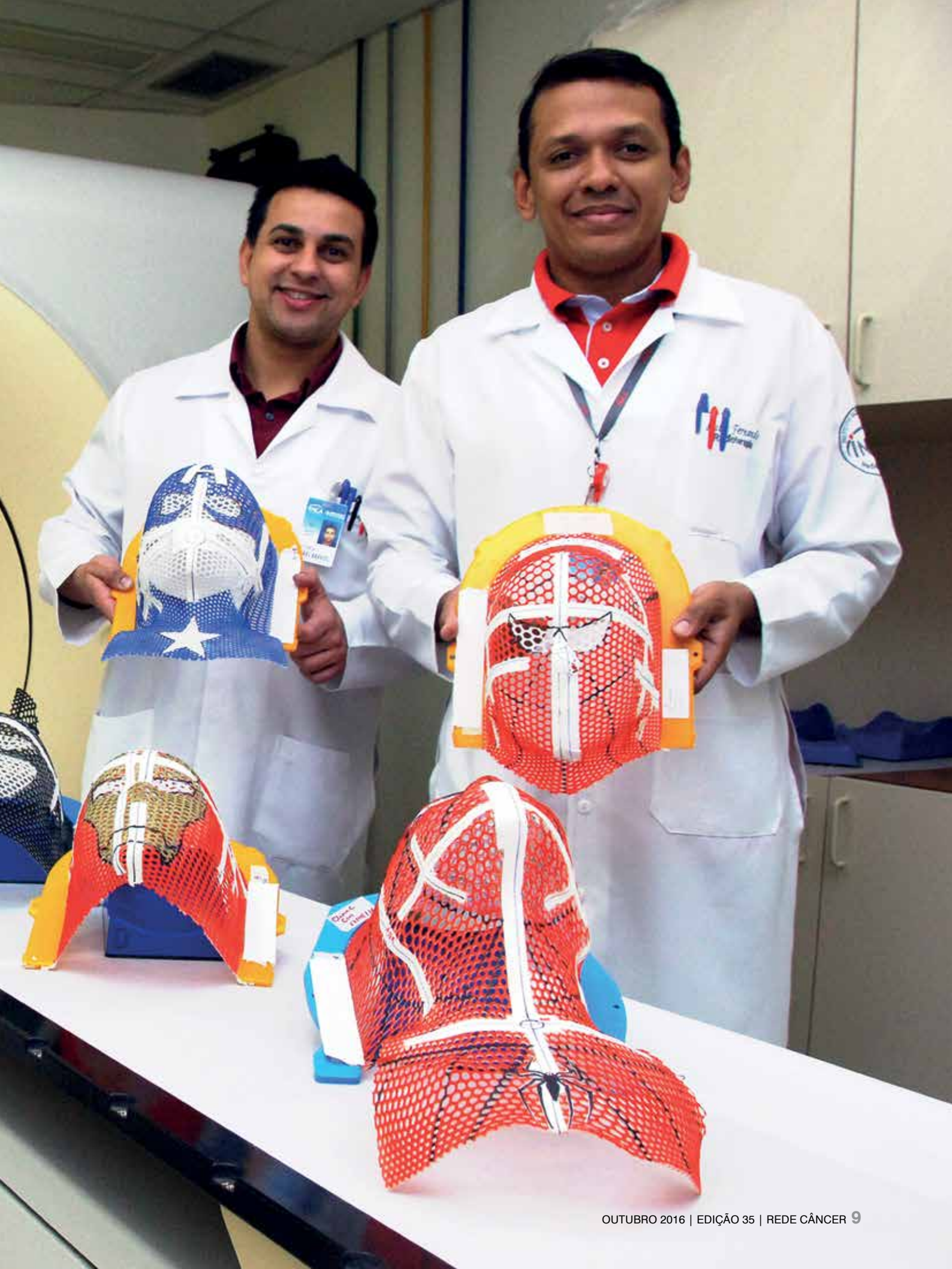
PHILIPS

Máscaras superpoderosas

Eles são corajosos, lutam contra vilões terríveis, pondo em risco a própria vida, e, no final, sempre vencem. Homem-Aranha, Batman, Capitão América e outros super-heróis estão saindo dos quadrinhos e das telas para estampar máscaras usadas no tratamento de radioterapia infantil. Por trás dessa iniciativa, no INCA, estão os técnicos em radioterapia Rafael Frederico de Barros e Luiz Fernando Silva de Souza, que queriam de alguma forma aliviar o sofrimento dos pequenos e deixar a assistência mais humanizada. E parece que conseguiram. Depois que começaram a usar as máscaras de super-heróis pintadas pela dupla, as crianças estão mais calmas, e algumas vêm dispensando a sedação durante o tratamento.

Para a médica rádio-oncologista e pediatra Denise Magalhães, isso não é pouca coisa: uma criança submetida à anestesia demora, em média, 40 minutos na sessão de radioterapia, que, por mais monitorada que seja, sempre traz algum risco. Sem a sedação, o paciente fica livre do jejum e em 20 minutos é liberado. A redução do tempo no atendimento tem grande importância: o Instituto pode tratar duas pessoas nesse período e aliviar a demanda de rotina.

Eles têm a força: Rafael (E) e Luiz Fernando usam tinta guache para pintar as máscaras, que não fazem mal à saúde



Rafael e Luiz Fernando se inspiraram na iniciativa do Hospital de Câncer de Barretos (SP) – ver *box* abaixo. Numa conversa informal, eles ficaram sabendo da estratégia paulista e resolveram adotá-la para dar mais leveza ao tratamento, que é penoso e pode ser longo (pode durar de 25 a 30 sessões). No INCA, a ideia começou a ser posta em prática em maio, com o apoio das chefias e da direção do Instituto.

A máscara utilizada na radioterapia é feita de material termoplástico, pesa menos de 100 gramas e visa a imobilizar o paciente durante a aplicação da radiação. Para evitar que as crianças se mexam durante o tratamento e garantir que a radiação atinja o campo exato, a máscara fica justa no rostinho delas, o que pode incomodar um pouco.

SOLUÇÃO CASEIRA PARA DRIBLAR ALTO CUSTO

A iniciativa de customizar e pintar as máscaras termoplásticas no Hospital de Câncer de Barretos partiu da dosimetrista do serviço de radioterapia da unidade Rose Marta dos Santos Silva, que foi também quem inspirou os técnicos do INCA. Ela conta que viu na internet a foto de uma máscara pintada com um personagem e se sentiu motivada. “Procurei informações com colegas, que me disseram que o produto era importado e caro”, conta.

Ela, então, resolveu pintar três máscaras como modelo, utilizando tinta guache, e mostrou aos médicos rádio-oncologistas da pediatria e à gerente do setor, Talita Lozano Vanizelli do Carmo. Talita submeteu os acessórios ao serviço de Controle de Infecção Hospitalar. Com a liberação para o uso, a ideia começou a ser posta em prática em abril deste ano.

No dia em que fazem a simulação do tratamento, as crianças, entre 2 e 10 anos, dizem qual personagem querem na máscara, e os pedidos são atendidos. Rose já pintou 13 máscaras com personagens como Galinha Pintadinha, Homem de Ferro, Chaves e a porquinha Peppa. A dosimetrista observa um comportamento positivo das crianças depois que começaram a usar as máscaras pintadas. “Elas passaram a aceitar melhor as sessões e têm oferecido menos resistência à radioterapia. Após o término do tratamento, re cortamos a máscara, amarramos um elástico e entregamos para as crianças”, revela.

Rafael explica que a máscara vem rígida e reta, e é colocada em água morna para que possa ser moldada no rosto do paciente. “Quando a criança vem fazer a tomografia e a simulação do tratamento, sugerimos a pintura da máscara com a imagem do super-herói. A criança escolhe seu herói preferido, e a gente pinta.”

Luiz Fernando destaca que a máscara é pintada com tinta guache, é atóxica e não faz mal à saúde. A pintura é resistente e só sai se for lavada, durando até após o fim do tratamento. “De maio a agosto, todos os pacientes que tiveram a opção de usar uma máscara [portadoras de câncer de cabeça e pescoço com idade de 4 a 12 anos] representando um super-herói ou personagem de desenho animado aceitaram. Fizemos a décima e já há mais três pedidos”, contabiliza.

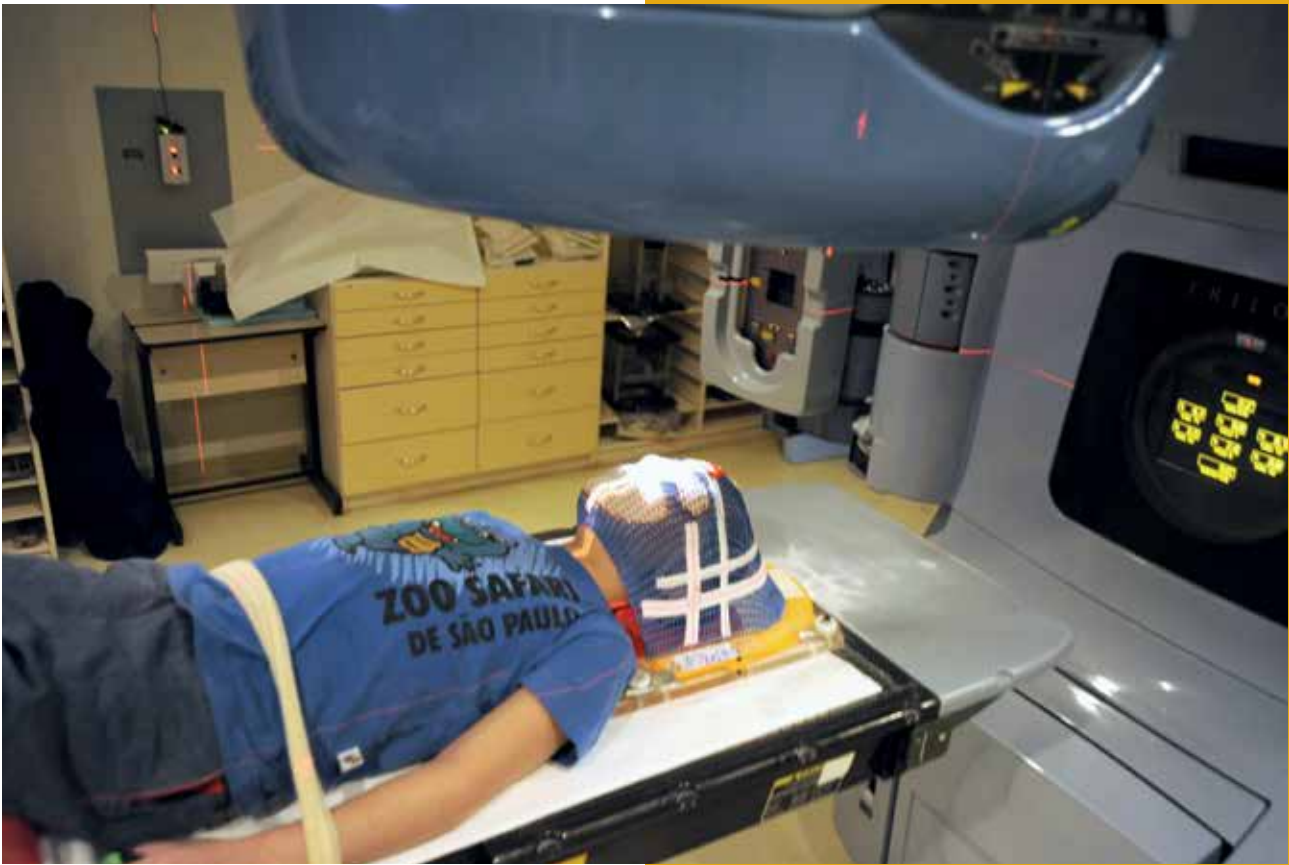
A dupla atesta que as crianças se sentem mais corajosas “encarnando” um super-herói. “É natural que [as crianças] fiquem com medo, vendo aquele monte de pessoas de jaleco. São médicos e outros profissionais acompanhando o tratamento, e eu entendo que é bem difícil para elas. Quando a máscara está pintada, elas querem logo ver como ficou, pedem para colocar, e aí passam a confiar mais na gente”, comenta Luiz Fernando.

Nesse mundo de fantasia, a identificação com os super-heróis ajuda a criança a superar seus medos, já que esses personagens demonstram que os perigos podem ser enfrentados e vencidos.

PARA TODOS OS GOSTOS

O campeão na preferência é o Homem-Aranha, mas não faltam máscaras do Batman, Super-Homem, Capitão América e até do monstro Hulk. As meninas não foram esquecidas e também têm suas sugestões atendidas. Elas escolhem personagens como Hello Kitty e Marceline, da série de animação *Hora de Aventura*.

O pequeno Vítor, de 6 anos, surpreendeu a técnica em radioterapia Gláucia Cavalcante, que vem acompanhando o dia a dia dos pacientes antes e depois do uso da máscara. “O Vítor quase não sorria. Peguei uma autorização para tirar foto dele e pedi que segurasse a máscara. Ele se recusou e disse que sem usar o acessório não poderia ser fotografado, porque iam descobrir sua identidade secreta: ‘Sem máscara não, todo mundo do INCA vai saber que eu sou o Capitão América’. Com a máscara no rosto, ele deixou que eu tirasse suas fotografias. Ele



Para o alto e avante: o acessório deixou as crianças mais confiantes nos profissionais da assistência

“É natural que [as crianças] fiquem com medo, vindo aquele monte de pessoas de jaleco. São médicos e outros profissionais acompanhando o tratamento, e eu entendo que é bem difícil para elas. Quando a máscara está pintada, elas querem logo ver como ficou, pedem para colocar, e aí passam a confiar mais na gente”

LUIZ FERNANDO SILVA DE SOUZA,
técnico em radioterapia

acredita plenamente que é o Capitão América. Hoje é outro menino, sorri, brinca e abraça”, observa.

A mudança no comportamento dos pacientes também é percebida por Denise Magalhães na hora das consultas. “Eles vêm para a revisão e me contam que agora são super-heróis e estão numa nave espacial. Antes, para colocar a máscara, era um sacrifício, eles [os pacientes] se sentiam presos. São crianças, a máquina de radioterapia é muito grande e só por isso eles já ficavam com medo. Agora pegam a máscara, olham para a imagem do super-herói e colocam logo no rosto. O que antes era tão difícil agora ficou fácil”, empolga-se.

Alguns já chegam ao atendimento totalmente personificados, vestidos com a fantasia de seu super-herói predileto. Os técnicos não têm dúvidas de que conseguiram que os pequenos pacientes desviassem o foco da doença. “Ficamos surpresos com o resultado”, admite Luiz Fernando.

SEM REAÇÕES ADVERSAS

As sessões de radioterapia sem anestesia oferecem muitas vantagens. “Às vezes, após a anestesia inalatória, a criança pode ter enjoo e vômito. Sem anestesia, não terá nada disso e ainda ficará dispensada do jejum de 12 horas”, afirma Gláucia.

Para a técnica em radiologia, a ação dos colegas Luiz Fernando e Rafael extrapola suas funções e está imbuída de generosidade. “Uma vez por semana, eles ficam depois do horário, fazendo cada máscara minunciosamente”, revela. “É muito bacana ver o cuidado e a habilidade que eles têm. Mais do que tudo, estão vibrando com o resultado”, completa Denise.

Para que as crianças aceitem passar pela radioterapia sem anestesia, é preciso um trabalho de convencimento. Não é incomum que, ao assistirem outro paciente fazendo o procedimento sem o anestésico e usando a máscara, elas se sintam encorajadas. De oito pacientes que dependiam da anestesia, três já pararam.

Cristian, de 7 anos, é uma delas. Ele já fez cinco sessões de radioterapia sem anestésico e terá que chegar a 30 para completar o tratamento, iniciado no final de 2015, contra um tumor no cérebro. O menino já foi submetido a seis cirurgias e no momento está internado no Centro Pediátrico da Lagoa, indo ao INCA somente para as sessões de radioterapia.

Como outros pais de pacientes, Fernanda Rodrigues Barbosa, mãe de Cristian, tem percebido



‘Girl power’: as meninas também são atendidas e escolhem personagens como a Hello Kitty

FUNCIONÁRIOS, ATIVAR!

Em Belém (PA), uma vez por mês, funcionários do Hospital Oncológico Infantil Octávio Lobo trocam seus uniformes por fantasias coloridas de super-heróis. Logo que entram no hospital, as crianças se deparam com uma legião composta por Super-Homem, Mulher-Maravilha, Batman e Homem-Aranha, que circulam entre os vários ambientes da unidade. O objetivo, segundo a psicóloga Paula Viana, coordenadora de humanização do hospital, é integrar pacientes, usuários e trabalhadores.

“Queremos promover a aproximação e a interação entre os colaboradores e as crianças. Desejamos que essa pessoa que fica dentro de sua sala vá lá conhecer a criança, saber para quem está trabalhando. Quando o profissional conhece a criança, brinca com ela e vê seu sorriso, com certeza muda um pouquinho e percebe que seu trabalho é realmente importante”, avalia. É nesse dia festivo que acontece o projeto “Sou Super-Herói”, no qual médicos, psicólogos, técnicos e funcionários administrativos mergulham na imaginação para tornar um pouco mais lúdico o ambiente hospitalar. Os pequenos, munidos de acessórios

distribuídos pelo próprio hospital, como a “capa mágica”, interagem e passam a “ser” também super-heróis. “Sabemos que as crianças estão em fase de desenvolvimento da personalidade, experimentando o imaginário e fantasiando. Escolhemos o simbolismo do super-herói porque é aquele ser que tem superpoderes, é mágico, consegue vencer as batalhas. Pensamos em usar essas figuras justamente para encorajar as crianças a se sentirem também poderosas e pensarem que, por mais que tenham de lutar, elas podem vencer, como os super-heróis”, compara Paula. A oncopediatra Alayde Vieira garante que a ação lúdica é um poderoso antídoto contra um dos principais inimigos do tratamento: o absenteísmo. “Muitas vezes, o tratamento é doloroso, cansativo, repetitivo, e um projeto como esse faz a família aderir mais e reduz a ausência. Os pais se afligem ao ver os filhos chorando e sofrendo por conta dos efeitos colaterais. Então, essa é uma oportunidade de deixar a criança ser criança, levando a elas o que chamamos de ‘comprimidos de alegria’. Quando os super-heróis aparecem, alegam o ambiente hospitalar, e isso ajuda a fortalecer o vínculo com o paciente e a família, o que é de grande importância.”

“Antes, para colocar a máscara, era um sacrifício, eles [os pacientes] se sentiam presos. São crianças, a máquina de radioterapia é muito grande e só por isso eles já ficavam com medo. Agora pegam a máscara, olham para a imagem do super-herói e colocam logo no rosto. O que antes era tão difícil agora ficou fácil”

DENISE MAGALHÃES, médica rádio-oncologista e pediatra

o impacto positivo da ação desenvolvida pelos técnicos do INCA. Ela conta que o estratagema da máscara serviu de estímulo para que o filho ficasse quietinho na hora da sessão. “Essa coisa de super-herói, de vencedor, foi uma grande motivação para que ele superasse todas as reações do tratamento, que é muito agressivo”, diz Fernanda.

Nesse universo lúdico, o garoto escolheu “interpretar” dois super-heróis. “Ele é uma mistura de Homem-Aranha com Capitão América e vai revezando. Cristian gostou tanto da máscara que toda vez quer levá-la com ele. Conversamos com ele e explicamos que não pode, só quando terminar o tratamento”, relata a mãe do menino.

A ideia dos profissionais do INCA é, ao término do tratamento radioterápico, cortar a máscara, colocar um elástico e entregar às crianças. Gláucia quer incrementar ainda mais a iniciativa dos técnicos: ela está elaborando projeto para conseguir patrocínio que permita aos pacientes ganhar a fantasia completa do herói. Muitos não têm condições financeiras de comprar esses acessórios, e a luva, especialmente, é importante para que as crianças se segurem à maca e não mexam as mãos na hora do tratamento. ■



Os resultados do projeto já começam a aparecer. Alayde cita o caso de um paciente de 12 anos que tinha crises frequentes de ansiedade e agressividade. “Em outros hospitais por onde passou, ele ficava contido no leito e sob medicação antipsicótica. Depois que veio para cá e participou do projeto, ele mudou. Ficou tão

amigo do Batman que se sentiu em casa. Com isso, as crises de agressividade diminuíram, e as doses de medicamento controlado foram reduzidas”, conta. A médica observa que a mãe do menino ficou mais tranquila em relação à assistência, não houve mais interrupções e o tratamento oncológico prosseguiu sem problemas.